



***SINNINGIA HELLERI* NEES (GESNERIACEAE) CONSIDERADA EXTINTA HÁ 100 ANOS MIGUEL PEREIRA, RJ, BRASIL: PROPOSTAS DE CONSERVAÇÃO.**

Vitor de S. Ferreira¹, Marília S. Wängler², Alain Chautems³, Mauro Peixoto⁴, Caio Baez⁵, Lucas Moraes⁶, Nina Pougy⁷, Eline Martins⁸, Gustavo Martinelli⁹

¹Secretaria de Meio Ambiente / Prefeitura Municipal de Miguel Pereira, ferreiravs@hotmail.com

²Instituto pé de planta Desenvolvimento Biotecnológico, Ambiental e Humano, wanglerms@yahoo.com.br

³Conservatoire et Jardin botaniques de la Ville de Genève (G), Suíça, Alain.Chautems@ville-ge.ch

⁴Jardim Botânico Plantarum, mauropeixoto@gmail.com.

⁵Centro Nacional de Conservação da Flora / Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, caiobg@cncflora.net

⁶Centro Nacional de Conservação da Flora / Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, lucasmoraes@cncflora.net

⁷Centro Nacional de Conservação da Flora / Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, nina@cncflora.net

⁸Centro Nacional de Conservação da Flora / Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, eline@cncflora.net

⁹Centro Nacional de Conservação da Flora / Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro

Palavras-chave: *Sinningia helleri*, conservação, Gesneriaceae

INTRODUÇÃO

Em 1825, um taxon de Gesneriaceae foi descrito em duas obras por dois autores com nomes diferentes. Nees van Esenbeck considerou que se tratava de uma espécie nova pertencendo a um gênero novo que ele descreveu e ilustrou como *Sinningia helleri* Nees; no entanto, nesta publicação não há menção de um coletor e a única indicação geográfica é “habitat Brasília”. Pouco depois, na segunda obra, Mikan descreveu o taxon como *Gloxinia schottii* Mikan, considerando que se tratava de uma nova espécie dentro de um gênero que tinha sido estabelecido em 1789. Apenas na segunda publicação existe uma referência a um coletor, o naturalista Pohl que participou da grande expedição organizada pela Áustria em torno dos anos 1820, e uma localidade chamada Serra Grande é indicada, acrescentando que fica distante de algumas milhas da cidade do Rio de Janeiro. As medidas usadas na época nem sempre são fáceis de traduzir para as de hoje, mas acredita-se que corresponde a uns 70 km. Na Flora Brasiliensis, em 1864, esta coleta é citada, dando como localidade "Serra do Tinguá". Fica difícil saber se a planta chegou à Europa a





partir da mesma coleta, só há informação que o material cultivado foi para a Universidade de Bonn, onde foi examinada e descrita por Nees e também para Vienna na Áustria onde o Mikan pode observá-la antes de publicar uma descrição e uma ilustração. No decorrer do século IX, exsicatas foram produzidas a partir de plantas cultivadas em vários Jardins Botânicos da Europa, e foram assim registradas nos herbários de Genebra, Paris, São Petersburgo, Vienna, e Zurique. Até 1907 a planta circulou pelos Jardins Botânicos europeus e a partir desta não foi mais vista. Nenhuma outra coleta depois da planta registrada por Pohl foi registrada na natureza. No século XX, existe único registro de material cultivado na Inglaterra através da foto publicada numa revista de horticultura em 1907. Depois dessa data a espécie não foi mais localizada, razão pela qual ela podia ser considerada como extinta, até a sua redescoberta, por Wängler, em 26 de outubro de 2008, em área contígua à Serra do Tinguá.

MATERIAL E MÉTODOS

Em abril de 2015 foi recoletada por essa botânica e enviada a Alain Chautems, especialista, em Gesneriaceae, que confirmou a sua identificação. Foi herborizada e depositada no Herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro sob o registro RB 628711. A área de ocorrência foi mensurada, os indivíduos foram contabilizados e coletou-se espécime para cultivo. Uma incursão foi elaborada com o intuito de percorrer o trecho entre a população da redescoberta e a população registrada pelo CNCFlora, em uma distância de sete quilômetros em linha reta, penetrando em trechos típicos utilizados por *S. helleri*.

RESULTADO/DISCUSSÃO

A área de ocupação mostrou-se igual a 12m² e com 30 indivíduos. Os dados foram enviados ao CNCFlora e foi recategorizada de Dados Insuficientes (DD) para criticamente em perigo (CR). A incursão realizada para a busca de novas populações de *S. helleri* se mostrou infrutífera, aumentando a preocupação sobre a existência de outros sítios. Também foi encaminhado um projeto contendo uma ampliação do estudo da situação de outras 12 espécies em risco num raio de 10km da população da redescoberta. As seguintes propostas de conservação foram elaboradas: plano de monitoramento; estabelecimento de diretrizes para conservação *in situ* e *ex situ*; normas locais que garantam a preservação das espécies; promoção da recuperação e/ou restauração de ecossistemas degradados; reintrodução; estratégias de fiscalização; formação de banco de dados; comunicação e





atividades voltadas para a sociedade, fundamentadas no estímulo às descobertas científicas.

CONCLUSÃO

Devido ao estado crítico apresentado por esse território no Rio de Janeiro e sua importância para conservação (SANTOS *et al.*, 2009), antes do plano de monitoramento há a necessidade de identificação das áreas de ocorrência dessa espécie e das outras doze listadas. A conservação *in situ* e *ex situ*, deverá levar em consideração os usos atuais do território pelos habitantes locais e mensurar os impactos desse uso em relação às populações de interesse e o comportamento dessas populações na geobiocenose. Nos locais onde a degradação é uma ameaça, estudar a melhor forma de garantir a conservação das espécies, utilizando práticas que promovam a sua recuperação ou restauração, de acordo com a viabilidade técnica e operacional, podendo contar com sítios de reintrodução, quando esses guardam e mantêm as características necessárias à manutenção de cada espécie, isolada ou em conjunto. Aliada aos procedimentos de conservação, a fiscalização tem papel preponderante, devendo atuar de forma ativa e rotineira, apresentando também alguns elementos surpresas, aumentando sua eficácia. A coleta de dados durante todo o processo garantirá a formação de um banco de dados que servirá à retroalimentação de um sistema de conservação, melhorando sua avaliação e facilitando a identificação dos pontos a serem corrigidos. O constante trabalho junto às comunidades, desenvolvendo práticas possíveis, que venham melhorar a renda e aproximar o cidadão das atividades conservacionistas, deverá ser estimulado, com a formação de programas para esse fim, tendo como base o conhecimento e técnicas regionais fortalecendo a identidade local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SANTOS, M. A.; CRUZ, C. B. M.; SARAÇA, C. E. S.; OLIVEIRA, F. J. G.; RAHY, I. S.; UZÊDA, A.; COSTA, M. B., PERES, W. R. (Org.) Pressão Antrópica e as Novas Dinâmicas na Economia Fluminense. **Estratégias e ações para a conservação da Biodiversidade no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro : Instituto Biomas, 2009. p. 41-56.

